

Conclusões do CFO survey Portugal • 2016 | T1



60%

Houve uma quebra na confiança dos CFOs, com 60% a considerarem o contexto económico para os próximos 12 meses negativo.



57%

Todavia, 57% dos CFOs antecipam um aumento de receitas nas suas organizações.



85%

A predisposição para o risco é reduzida, com 85% dos CFOs a demonstrar que não estão dispostos a assumir riscos.



As políticas públicas nacionais, as perturbações do sistema financeiro e a instabilidade dos mercados externos são as maiores preocupações para estes profissionais.



87%

O controlo de custos continua a estar no topo da lista para o próximo ano, seguido da gestão de fundo de maneo, que está entre as principais prioridades de 87% dos CFOs.

Quebra de confiança

O ano de 2016 trouxe uma queda acentuada na confiança dos CFOs portugueses, na medida em que 60% dos inquiridos estão pessimistas em relação ao panorama económico português. Este facto representa uma mudança significativa em relação ao 3º trimestre de 2015, onde 80% dos CFOs se revelaram otimistas para os próximos 12 meses.

O sentimento negativo também foi refletido nas expectativas dos CFOs para a performance das suas empresas.

Apesar da generalidade do pessimismo, a maioria dos CFOs ainda antecipa um aumento das receitas, 57% dos CFOs (74% no semestre passado).

As expectativas para os principais indicadores, como margens, CAPEX e quadro de pessoal também são menos otimistas, mas ainda é esperado um aumento.

A predisposição assumir riscos é reduzida

Ao perspetivar 2016, os CFOs portugueses são mais cautelosos, pois 85% dos inquiridos demonstram que não estão dispostos a assumir mais riscos.

A principal preocupação dos CFOs para este ano são as políticas públicas nacionais, na medida em que 83% sente que poderão ser um risco para os seus negócios (de 72% no 3T de 2015). Em segundo lugar encontram-se as perturbações no sistema financeiro (77% vs 61% no 3T de 2015).

Globalmente, a sensibilidade dos CFO's inquiridos aumentou para os fatores de risco apresentados, com a exceção da instabilidade política internacional, as oscilações cambiais e as barreiras comerciais, para os quais estes acreditam que a probabilidade de impactarem os seus negócios tem vindo a diminuir.

O controlo de custo continua a ser uma prioridade

Este semestre, a gestão de fundo de maneo atraiu uma atenção redobrada com 87% dos CFOs portugueses a concordar que este é uma estratégia importante ou muito importante para os próximos 12 meses, ultrapassando a estratégia de redução de custos (74%). Contudo, o controlo de custos continua a ser a principal prioridade dos CFOs (94%).

As estratégias de crescimento estão no final da lista para 2016, com aquisições e aumento de custos operacionais como os últimos dois pontos das prioridades estratégicas para as empresas portuguesas.

Descida dos preços do petróleo

De acordo com 30% dos CFOs inquiridos, o decréscimo prolongado dos preços do petróleo tem condicionado negativamente as empresas portuguesas.

Entre as possíveis causas está a exposição destas empresas à economia angolana, que foi intensamente afetada pela queda de preços do petróleo.

Em todo o caso, para cerca de metade (47%), os efeitos foram neutros ou mesmo irrelevantes.